IGREJA APOSTÓLICA ORTODOXA DA AMÉRICA

CREIO

CATECISMO DA FÉ CRISTÃ ORTODOXA



CARTILHA X

ESPERO A RESSURREIÇÃO DOS MORTOS E A VIDA DO MUNDO QUE HÁ DE VIR

A esperança cristã, a ressurreição corporal, a vida eterna e o significado do Amém

“Se Cristo não ressuscitou, é vã a nossa fé.” — 1 Coríntios 15,17 (sentido do texto)

Coleção CREIO — O Credo Niceno-Constantinopolitano explicado para os cristãos do século XXI. Formação de catecúmenos, jovens, adultos e comunidades.

Na fé dos Apóstolos, no amor de Cristo.
www.iaoa.com.br

Apresentação — a esperança que dá sentido ao presente

Há perguntas que acompanham toda a humanidade: a morte é o fim de tudo? A injustiça terá a última palavra? O que significa esperar a vida eterna? A Igreja Ortodoxa responde a essas inquietações partindo de Jesus Cristo, que morreu verdadeiramente e ressuscitou. Nossa esperança não nasce de uma tentativa de fugir da realidade, mas da confiança na vitória pascal do Senhor.

Nesta última cartilha do CREIO, veremos o que professamos sobre a ressurreição dos mortos, o juízo, o mundo futuro e o significado de "Amém". Também aprenderemos a viver essa esperança em meio ao trabalho, às perdas, às relações familiares e aos desafios do século XXI.

1. O que professamos no final do Credo?

"Espero a ressurreição dos mortos e a vida do mundo que há de vir. Amém." — Credo Niceno-Constantinopolitano

Dizer espero não significa fazer uma aposta vaga. Na linguagem da fé, esperar é confiar na promessa de Deus, revelada na Ressurreição de Cristo. A Igreja não afirma apenas que algum aspecto invisível do ser humano sobrevive; ela proclama a ressurreição dos mortos e a plenitude da vida em comunhão com Deus.

O Credo termina onde toda a vida cristã aponta: não no poder, na riqueza ou no sucesso, mas na comunhão com o

Deus vivo. Por isso, esta profissão de fé inspira responsabilidade pelo presente e confiança diante do futuro.

2. Jesus Cristo é o fundamento da nossa esperança

São Paulo apresenta a Ressurreição de Cristo como centro do anúncio apostólico (1 Coríntios 15,12-22). Se a morte tivesse vencido Jesus, a esperança cristã perderia seu fundamento. Mas os discípulos proclamaram que Cristo ressuscitou e que nele a morte não tem a última palavra.

A Páscoa não é apenas uma lembrança anual. A cada Divina Liturgia, a Igreja testemunha a vida nova que o Ressuscitado oferece. A esperança cristã, portanto, tem um rosto e um nome: Jesus Cristo, o Senhor da vida.

3. O que significa a ressurreição dos mortos?

A fé ortodoxa professa que Deus chamará os mortos à vida, renovando integralmente a pessoa humana. Não se trata de simples retorno às condições frágeis de agora, nem apenas de conservar lembranças de quem morreu. A promessa é de vida transfigurada por Deus, em continuidade com a identidade pessoal.

São Paulo utiliza a comparação entre a semente lançada à terra e a vida que dela brota para mostrar, ao mesmo tempo, continuidade e transformação (1 Coríntios 15,35-49). Ele fala de um corpo ressuscitado, glorificado e vivificado

pelo Espírito. O modo exato dessa realidade ultrapassa nossa experiência presente.

4. Corpo e alma: Deus salva a pessoa inteira

O cristianismo ortodoxo não considera o corpo uma prisão desprezível da alma. O ser humano foi criado para uma vida integral; o corpo participa das relações, do cuidado, do trabalho, do afeto e da oração. É por isso que a fé anuncia a ressurreição corporal.

Respeitar o corpo é parte da vida cristã: cuidar da saúde, proteger os mais frágeis, recusar a violência e tratar com dignidade os restos mortais dos falecidos. A esperança da ressurreição não autoriza negligência diante de quem sofre hoje.

5. E o que acontece quando uma pessoa morre?

A Igreja acompanha os falecidos com oração, memória e esperança, confiando-os à misericórdia de Deus. A tradição fala de uma existência pessoal diante de Deus enquanto aguardamos a consumação da ressurreição; contudo, evita reduzir o mistério da morte a mapas exatos do mundo invisível.

Os ofícios pelos falecidos, as comemorações litúrgicas e a intercessão da comunidade expressam o amor que não abandona quem partiu. Não são mecanismos para comprar salvação, nem justificam afirmações sobre destinos

individuais que só Deus conhece plenamente.

6. A vida do mundo que há de vir

A vida eterna não significa apenas uma duração sem fim. É a plenitude da comunhão com Deus: vida no amor, na verdade e na paz. O livro do Apocalipse apresenta, em linguagem de grande riqueza simbólica, a visão de novos céus e nova terra, onde Deus enxuga as lágrimas e a morte não prevalece (Apocalipse 21,1-5).

O Reino de Deus já se faz presente pela ação de Cristo e do Espírito Santo, especialmente na fé, na oração e nos sacramentos. Sua manifestação definitiva, porém, ainda é esperada. Não podemos identificar a vida eterna com um projeto político, um lugar geográfico ou uma sociedade humana perfeita.

7. A Segunda Vinda e o juízo de Cristo

O Credo também professa que Cristo voltará em glória para julgar os vivos e os mortos (Mateus 25,31-46). Esse juízo recorda que nossas escolhas importam e que a injustiça não é indiferente a Deus. O Senhor conhece toda a verdade da vida humana, inclusive feridas, intenções, responsabilidades e possibilidades que escapam ao julgamento dos outros.

A tradição une a seriedade da liberdade humana à confiança na justiça e na misericórdia divinas. Não nos cabe

antecipar sentenças definitivas sobre pessoas concretas. Nossa tarefa é converter-nos, cuidar do próximo e viver de modo responsável.

8. Céu, inferno e liberdade humana

A linguagem cristã sobre céu e inferno aponta para a seriedade da relação com Deus e com o amor. O céu é a comunhão plena com o Senhor; a perspectiva do afastamento de Deus recorda o drama de rejeitar a verdade e a caridade. A tradição patrística utiliza diferentes imagens e reflexões para expressar esse mistério.

A Igreja anuncia a salvação em Cristo e reza pela humanidade, mas não transforma especulações sobre o destino final de cada pessoa em certezas doutrinárias. Esperar na misericórdia divina não significa negar a liberdade, o juízo ou a necessidade de conversão. O mistério último pertence a Deus.

9. Por que a fé cristã não deve produzir medo apocalíptico?

Jesus ensinou que não nos compete conhecer os tempos determinados pelo Pai (Atos 1,7; Mateus 24,36). Por isso, a Igreja deve evitar previsões de datas, rumores de catástrofes e mensagens que exploram o medo para controlar as pessoas. Imagens apocalípticas exigem leitura séria, atenção ao gênero literário e discernimento pastoral.

Esperar a vinda de Cristo não é abandonar estudos, responsabilidades familiares ou trabalho. É viver com vigilância amorosa: cultivar uma consciência íntegra, reconciliar-se quando possível, servir aos necessitados e perseverar no bem.

10. O luto e a esperança da Ressurreição

A esperança cristã não elimina a tristeza da despedida. O próprio Jesus chorou diante da morte de Lázaro (João 11,35). Chorar por alguém amado não demonstra falta de fé; é expressão de vínculo, saudade e humanidade.

Ao acompanhar uma pessoa enlutada, a comunidade deve oferecer presença, escuta, oração e ajuda concreta. Deve evitar frases que proíbam o sofrimento ou imponham prazos para a dor. Quando o luto compromete gravemente a vida, a assistência de profissionais de saúde pode ser necessária e é compatível com a vida espiritual.

11. O que a Ressurreição muda na nossa ética?

Se a morte não tem a última palavra, a vida presente ganha ainda mais valor. O cristão não pode justificar a exploração, a mentira ou a indiferença alegando que “um dia tudo passará”. A esperança da vida eterna fortalece o compromisso com a justiça, com o cuidado dos enfermos e com a defesa da dignidade humana.

Ao visitar os idosos, ajudar os que enfrentam a pobreza, perdoar sem ocultar injustiças e trabalhar honestamente, testemunhamos sinais do Reino que esperamos. O futuro prometido por Deus deve iluminar as escolhas de hoje.

12. A criação também aguarda renovação

São Paulo escreve que toda a criação geme e espera a libertação da corrupção (Romanos 8,19-23). A esperança cristã não autoriza o desprezo pela terra ou por seus habitantes. Ao contrário, somos chamados a administrar com responsabilidade os bens da criação, preservando a água, os animais, os ecossistemas e as condições de vida das futuras gerações.

Para os povos da América, essa responsabilidade inclui atenção às florestas, aos rios, às comunidades tradicionais, às cidades e às consequências sociais da degradação ambiental. Cuidar da criação não substitui a oração: é uma forma concreta de viver a responsabilidade diante do Criador.

13. A fé diante da ciência e da medicina

A ciência estuda os processos físicos da vida, da doença e da morte. A fé cristã pergunta também pelo sentido último da existência e professa a ação salvadora de Deus. Essas abordagens não precisam ser transformadas em inimigas. Não cabe usar o Credo como substituto de conhecimento científico ou como explicação técnica de fenômenos naturais.

A esperança na Ressurreição não dispensa tratamento médico, prevenção, cuidados paliativos ou acompanhamento psicológico. Um cristão pode receber a melhor assistência disponível e, ao mesmo tempo, confiar sua vida à misericórdia divina.

14. O significado de “Amém”

A última palavra do Credo é Amém, expressão que comunica confirmação, fidelidade e confiança: “assim é”, “assim seja”, “nisto creio”. Ao pronunciá-la, o fiel assume como sua a fé que a Igreja professou ao longo dos séculos.

O “Amém” não é apenas uma fórmula para encerrar uma recitação. É compromisso com a verdade professada. Quem diz “Amém” à fé em Deus é convidado também a dizer “sim” à honestidade, à oração, à solidariedade, à vida sacramental e ao amor ao próximo.

15. O que ensinaram os Santos Padres?

Santo Atanásio de Alexandria, em Sobre a Encarnação do Verbo, apresenta a vitória de Cristo sobre a corrupção e a morte como parte essencial da salvação humana. A obra ajuda a perceber que a Encarnação e a Ressurreição pertencem ao mesmo mistério de restauração.

São Gregório de Nissa, no Grande Discurso Catequético e em seus escritos sobre a ressurreição, relaciona a promessa cristã à restauração da vida humana e reflete sobre a continuidade da pessoa além da morte.

São João Damasceno, na Exposição Exata da Fé Ortodoxa, livro IV, capítulo 27, expõe a esperança da ressurreição dos corpos e a realidade da vida futura. Essas obras são apresentadas aqui em síntese, sem atribuir-lhes frases literais não verificadas.

16. Situações para conversar em comunidade

Caso 1. Um jovem diz que prefere aproveitar a vida agora, porque a eternidade parece distante. Como mostrar que a esperança cristã aumenta, em vez de diminuir, o valor das decisões presentes?

Caso 2. Uma família está de luto e alguém afirma que “quem tem fé não deve chorar”. Como acolher essa dor com delicadeza e apresentar o exemplo de Jesus?

Caso 3. Uma mensagem nas redes sociais anuncia a data da Segunda Vinda e pede dinheiro para proteção espiritual. Como reconhecer a manipulação e agir com discernimento?

Caso 4. Uma pessoa enferma pensa que procurar tratamento demonstra falta de confiança em Deus. Como unir oração, medicina e cuidado responsável?

Caso 5. Um adolescente pergunta se Deus ressuscitará apenas a alma ou também o corpo. Como explicar a esperança cristã sem inventar pormenores sobre a vida futura?

17. Dez perguntas catequéticas com respostas

1. O que proclamamos no final do Credo?

Que esperamos a ressurreição dos mortos e a vida do mundo que há de vir, concluindo nossa profissão de fé com “Amém”.

2. Quem fundamenta nossa esperança na Ressurreição?

Jesus Cristo, que morreu e ressuscitou e abriu à humanidade a esperança da vida nova.

3. A ressurreição significa apenas que a alma continua existindo?

Não. A Igreja professa a ressurreição dos mortos, isto é, a renovação integral da pessoa, incluindo a dimensão corporal.

4. O que é a vida eterna?

A plena comunhão com Deus, na verdade, no amor e na paz do seu Reino.

5. Por que rezamos pelos falecidos?

Porque confiamos aqueles que partiram à misericórdia de Deus e expressamos a comunhão do amor em Cristo.

6. O que significa o juízo de Cristo?

Que a verdade e a justiça de Deus se manifestarão plenamente e que nossas escolhas possuem importância moral.

7. Sabemos quando será a Segunda Vinda?

Não. Cristo ensinou que o dia e a hora não nos foram revelados.

8. A esperança cristã elimina o sofrimento do luto?

Não. A fé oferece consolação e sentido sem impedir a tristeza, a saudade e a necessidade de apoio.

9. Como essa esperança influencia nossa vida hoje?

Convida-nos à honestidade, à misericórdia, à justiça, ao cuidado da criação e à perseverança no bem.

10. O que significa dizer “Amém”?

Confirmar com confiança a fé professada e comprometer-se a vivê-la com coerência.

18. Minha fé, minha vida, minha missão

Minha fé. Sou capaz de explicar a diferença entre a esperança da ressurreição e a simples ideia de que apenas a alma continua existindo? Qual passagem bíblica mais fortalece minha confiança?

Minha vida. Tenho vivido com medo do futuro ou procuro cuidar responsavelmente do presente? Em quais escolhas

preciso cultivar mais verdade e generosidade?

Minha missão. Nesta semana, praticarei um gesto concreto de esperança: acompanhar alguém enlutado, ajudar uma pessoa enferma, reparar uma injustiça ou colaborar no cuidado da criação.

Síntese final — aprendemos a professar e a viver o Credo

Ao longo destas dez cartilhas, professamos o Deus único e criador, o Filho eterno que se encarnou, morreu e ressuscitou, o Espírito Santo que santifica e a Igreja chamada à comunhão. Reconhecemos o Batismo como início da vida nova e concluímos esperando a ressurreição e a vida futura. Não se trata de dez temas desconectados: é uma única fé, recebida dos Apóstolos, celebrada na Liturgia e testemunhada nas escolhas cotidianas.

Uma fé firme não é incapacidade de perguntar; é confiança amadurecida pelo aprendizado, pela oração e pela experiência da caridade. O verdadeiro fruto da catequese é a pessoa que sabe em quem crê e procura amar como Cristo amou.

Oração de encerramento da coleção CREIO

Senhor Jesus Cristo, vencedor da morte e fonte da vida, fortalece nossa esperança na Ressurreição. Livra-nos do medo, da indiferença e da injustiça. Concede-nos sabedoria para viver com dignidade, consolar os que sofrem e servir os necessitados. Que o teu Santo Espírito conserve nossa fé na verdade e faça crescer em nós o amor, a paz e a misericórdia. Conduze-nos à comunhão eterna contigo, para a glória de Deus Pai. Amém.

Referências bíblicas e patrísticas

• Sagrada Escritura: João 11,17-44; João 14,1-6; 1 Coríntios 15; Romanos 8,18-25; 2 Coríntios 5,1-10; 1 Tessalonicenses 4,13-18; Mateus 24,36; Mateus 25,31-46; Apocalipse 21,1-5.

• Santo Atanásio de Alexandria, Sobre a Encarnação do Verbo, especialmente o ensinamento sobre a derrota da morte pela Ressurreição de Cristo.

• São Gregório de Nissa, Grande Discurso Catequético; Sobre a Alma e a Ressurreição.

• São João Damasceno, Exposição Exata da Fé Ortodoxa, livro IV, capítulo 27 (sobre a ressurreição).

• Credo Niceno-Constantinopolitano, recebido na tradição litúrgica ortodoxa; conferir a tradução oficial adotada pela Igreja.

IGREJA APOSTÓLICA ORTODOXA DA AMÉRICA

Na fé dos Apóstolos, no amor de Cristo. • www.iaoa.com.br